

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	01	07	F20	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Cidade de Natividade
LOCALIDADE	Natividade
MUNICÍPIO / UF	Natividade / TO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há.		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA		

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

To 01 00 07 F20 01

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2 Celebrações – Festa do Divino - TO010007F20A2nº27
 Formas de Expressão – Folia do Divino - TO010007F40A2nº17 Fotos 1 a 98

Fotos 1 a 83 e



F 1 saída da folia Foto Raphael Mendes 04-2007

TO010007F40A2nº17 F76



F2 louvor à Bandeira saída da folia Foto Raphael Mendes 04-2007

TO010007F40A2nº17 F 82



F3 Saída das folias R. Mendes 04-07

TO010007F40A2nº17 F74



F4 Chegada da Folia S. Lima 05-07

TO010007F40A2nº17 F 33



F5 Esmola geral Raphel Mendes 05-2007

TO010007F40A2nº17 F36



F6 festa do capitão do mastro R. Mendes 05-2007

TO010007F40A2nº17 F48



F7 festa do Imperador do Divino R. Mendes 05-2007

TO010007F40A2nº17 F 53



F8 festa do Imperador R. Mendes 05-2007

TO010007F40A2nº17 F 66

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**To 01 00 07 F20 01**

Em Natividade a celebração do Divino Espírito Santo é a celebração de maior expressividade, e conta com a participação de grande parte da comunidade. O festejo do Divino Espírito Santo é uma celebração com data móvel, estipulada pela data da Páscoa. A sua origem não se sabe ao certo, mas sua institucionalização, nos inícios do século XIV, é atribuída à rainha Santa Isabel e ao rei Dinis, rei de Portugal¹, contribuindo para radicar sua tradição em Portugal. O nome litúrgico que recebe é “Festa de Pentecostes” (a palavra pentecostes é de origem grega e significa “cinquenta dias”). Segundo a tradição religiosa cristã católica, a vinda do Espírito Santo foi anunciada aos apóstolos por Jesus como o “consolador”. É o Espírito Santo quem guia e conduz, segundo a tradição religiosa, a Igreja pelos caminhos do mundo e da história. Jesus continua sua obra salvadora em prol de todos os homens por meio da Igreja, a qual, para cumprir sua missão, conta constantemente com a presença do Espírito Santo (Jó 15, 6-8, 12-15). A Igreja celebra a festa de Pentecostes com os paramentos vermelhos, símbolos e sinal do amor com que Deus ama os homens e do fogo que aquece, ilumina e abasa os corações dos discípulos de Jesus. O Espírito Santo é comumente representado pelo símbolo de uma pomba. Já nas páginas do Novo Testamento (Mt 3,16) encontramos este símbolo, transmitindo o sentido de amor, pureza, paz, mansidão, bondade, vida nova. E a plenitude do Espírito Santo nos corações e na vida das pessoas é representada por sete dons: Sabedoria, Ciência, Entendimento, Conselho, Piedade, Fortaleza e Temor a Deus².

No Brasil, a festa do Divino Espírito Santo chegou com a colonização e firmou-se a partir do século XVII. É uma manifestação que ocorre em diversas regiões do país. A origem da celebração, na América portuguesa, está intimamente ligada ao período da mineração de ouro e se conservou especialmente nas grandes cidades goianas do século XVIII, e Natividade está neste contexto. Ainda hoje, nesta localidade, a celebração do Divino se caracteriza pela repercussão que tem entre o povo, mobilizando-o para participar dos eventos ou a ele assistir. Por grande parte das cidades que foram formadas no contexto da mineração, há uma grande festa que comemora o Divino.

No Estado do Tocantins o Divino é venerado e festejado em várias outras localidades, mas em Natividade ela ganha características muito próprias. A importância desta devoção é dimensionada não apenas pela proporção da festa, que inclui uma territorialidade específica, mas também pela trama cultural que ela informa. Não só as convergências aparecem (devoção, participação no culto católico tradicional) mas estão presentes as divergências (D. Romana, líder espiritual, raizera e benzedeira possui uma saída do Divino independente da saída realizada pela igreja católica)³.

A festa possui vários momentos, que são os seguintes: a) as folias: As Folias do Divino saem no Domingo de Páscoa (08/04/2007), após a bênção das bandeiras que giram quarenta dias e retornam em um momento de grande festividade (17/05/2007). Tal momento é chamado de “a chegada da Folia” (quinta-feira da hora); a dez dias de recesso quando ocorrem, então, a Esmola Geral (26/05/2007) e as festas do Capitão do Mastro (26/05/2007) e do Imperador (27/05/2007). Ou seja, todos os anos os devotos se reúnem do Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes, num prazo que corresponderia exatamente aos quarenta dias de giro da folia e o novenário⁴.

As Folias do Divino anunciam a presença do Espírito Santo e conduzem a bandeira do Divino. O giro da Bandeira representa as andanças de Jesus Cristo e seus doze apóstolos durante os quarenta dias, levando luz e sua mensagem, convidando a todos para a festa da hóstia consagrada. Os foliões representam os apóstolos e são conduzidos pelo alferes em sua jornada pela zona rural. Este grupo percorre a zona rural, abençoando as famílias e unindo-as em torno da celebração da festa que se aproxima. Saem a cavalo ou a pé pelas trilhas ou estradas e, quando chegam ao local do pouso, alinham-se no terreiro e cantam a licença, pedindo ritualmente acolhida. Durante o giro os foliões recolhem donativos para a festa⁵.

Os encontros das festas se configuram em momentos de festividade, quando os cidadãos nativitanos também aproveitam para se divertir e confraternizar. A festa do Divino envolve a comunidade como um todo e a ourivesaria em filigrana está presente principalmente por meio do uso das peças relacionadas à festividade, e se evidencia na figura da pombinha estampada em brincos, pingentes e anéis. Essa imagem é produzida em diversas formas e tamanhos por artífices das duas ourivesarias de Natividade. Nesta festividade estão envolvidos os personagens considerados autoridades na coletividade. Tal autoridade, contudo, não necessariamente está vinculada ao “lugar de mando” (cargos executivos da municipalidade, por exemplo), mas ao poder que emana do prestígio dentro da comunidade. Este prestígio além de financeiro é simbólico, e os personagens que promovem a festa do Divino derivam das relações de trabalho (urbano ou rural).

¹ TO010007F1A2A nº 34A04 vide entrevista com padre Joatan Bispo de Macedo, pároco de Natividade: “Joatan: Né? E ela disse: “Olha Espírito Santo, de hoje em diante o senhor que será o rei de Portugal porque é meu marido, dizem na história. Mas diz a história, eu que já li em alguns relatos que em menos de seis meses já ouvi sinais, de aí então ela se comprometeu em divulgar a devoção, aí ela também, um fundo político sem dúvida, isso passa para as colônias, no Brasil a festa do Divino caracterizou também isso, né, daí a nomenclatura Imperador do Divino, tem a ver alguma coisa, que isso não é do evangelho, né, de onde que tirou essa história do Imperador, vocês podem pesquisar de onde que saiu essa história, como que em Natividade, Almas, Conceição e em outros lugares, o que faz a festa do chamado de Imperador e a mulher dele Imperatriz, bom isso tem algum vínculo histórico-cultural, tal como o período colonial as nações católicas e ibéricas assim como Portugal e Espanha tinham concordatas com a fê apostólica, né, que hoje é o Vaticano.

² Estas informações foram fornecidas também por Simone Camelo Araújo e por um texto informal por ela escrito, bem como por referências diversas

³ Fotos 1 e 2 -Saída da folia Foto Raphael Mendes 04-2007

⁴ F3 Saída das folias F4 Chegada da Folia F5 Esmola geral F6 festa do capitão do mastro F7 esta do Imperador do Divino F8 Festa imperador

⁵ TO010007F1A2A nº34A30 Joaquim R. Cerqueira, TO010007F1A2A nº34*36 Simone Camelo

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**To****01****00****07****F20****01**

Essa festividade acontece tanto na Igreja Católica quanto nas celebrações de cunho afro-brasileiro, como é o caso da celebração realizada por Dona Romana⁶. Nos dois eventos ela é de grande importância, ganhando características específicas, de acordo com as crenças de cada um dos agrupamentos. A saída da folia de D. Romana mantém ainda certos traços de africanidade, em razão principalmente das características de suas celebrações. A folia dura quinze dias, sua saída ocorre no Domingo de Páscoa e os foliões giram esses quinze dias a pé. Tem os mesmos personagens presentes na tradição católica, mas se apresentam de forma mais singela. As festividades da saída e da chegada da folia se realizam em clima de profunda alegria. Os rituais presentes são praticados na forma de cânticos, louvores, benditos e intensa devoção. Mas como nas demais folias, a presença do profano também é bastante evidente, por meio da mesa farta, da sùssia dançada por todos os participantes, da catira e das rodas. Todo o espaço evidencia a presença do Divino Espírito Santo por meio da imagem da pomba, das bandeiras de jóias com as representações do Divino e muita cor. Evidenciamos que toda a festividade é revestida de devoção ao Divino e de notificada fé, se configurando em cenas de profunda beleza e emoção.⁷

D. Romana⁸ se refere a devoção ao Divino do seguinte modo:

(...) essa região de natividade é uma região assim muito cheia da energia do espírito santo..né ..nós somos forçados a fazer conforme nos somos guiados..porque o Espírito Santos é uma coisa que está no meio de tudo aqui... se pode olhar nas figuras... nos desenhos de cartolina ou de caderno... ou nas paredes você vê sempre a figura do divino...

(...) a folia uma peregrinação uma visita do divino na casa das pessoas...no sentido de se ajudar as pessoas como puder...

A comemoração das festividades do Divino na cidade de Natividade é de cunho popular e une e integra aspectos sagrados aos profanos. A festa é comemorada com longos períodos de oração e cantos de louvor, mas se mistura com cantos e danças realizadas em profunda alegria. A comida farta e abundante também é outra característica da festa, sendo estes momentos ansiosamente esperados por toda a comunidade. A população nativitana demonstra grande fé no Divino e foi possível perceber que essa fé transcende os dias da festa, ela se expressa em seu cotidiano à medida que está presente das mais variadas formas nas casas e na vida das pessoas. Bandeiras do Divino podem ser encontradas em muitas casas, bem como em cartazes e camisetas, em suas orelhas, dedos, pescoços; pode-se ver o Divino representado pelas jóias confeccionadas pelos ourives locais. Nas oficinas de ourivesaria este fato também pode ser comprovado. Ao entrar na oficina do mestre Juvenal está estampado na parede um grande cartaz das festividades anteriores, fato que também se reforça ao entrarmos na oficina de mestre Jesumar e encontrarmos na parede uma caixa, instrumento que faz referência às festividades. Observam os mestres que jóias com as características do Divino, sejam em ouro ou prata, são confeccionadas ao longo de todo o ano e não apenas no período que antecede as festividades.

A comunidade Nativitana, de um modo geral, se envolve em todas as etapas da preparação da festa. Durante o período festivo, o tempo cotidiano é substituído pelo tempo ritual da festa - é a ruptura da rotina. A comunidade “se purga” de suas contradições sociais - o espaço da festa passa a ser território comum em que todos os cidadãos circulam/convivem para além de suas diferenças. E, por vezes, evidenciando-as, principalmente pelo uso das tradicionais jóias nativitanas. Afinal as festividades não são estruturas fixas, mas um contínuo de mudanças: as celebrações pouco se transformam, e ao mesmo tempo escapam ao desgaste do tempo. São sempre as mesmas, mas nunca iguais. Nelas estão inseridos os folguedos – Catira, a roda e a sùssia, Folias ou - representações que se dão por vezes em cortejo, tendo por cenários as ruas e praças tombadas do centro histórico da cidade, especialmente nos dias de festas em louvor do Divino, da padroeira e do calendário litúrgico ou profano.

6 TO010007F1A2A n°34A11 - Natividade Batista de Oliveira e Francisco da Silva, TO010007F1A2A n°34A6 – D. Romana, TO010007F1A2A n°34A9 - Júlia Ferreira de Jesus, TO010007F1A2A n°34A12 – Augustim, TO010007F1A2A n°34A71 - Romana Pereira da Silva

7 TO010007F1A2A n°34A30 Joaquim R. Cerqueira, TO010007F1A2A n°34*36 Simone Camelo “A festa do Divino é uma festa com muitos significados e muitos sentimentos que afloram, é uma festa fantástica. É interessante a questão da zona rural, né? As folias têm um papel fundamental nisso, de ir até essas pessoas através das folias, então isso transforma porque você tem quarenta dias, que são três momentos, eu já falei isso, né, três momentos a cada noite, a cada dia, e durante todos os dias as pessoas param todas as suas atividades, não só elas, mas pra receber o Divino, pra estar falando do Divino, ouvindo o Divino e não é só aquele dia que as visita, tem todos os preparativos e normalmente quando sai da sua fazenda você vai até a outra, então há todo um processo em que as pessoas se envolvem, então ele está realmente no cotidiano das pessoas. A visita do Divino na casa dos moradores da zona urbana de Natividade é feita através da esmola geral, não é folia. Então aí você vai que tem várias pessoas hoje pedindo pra folia ir na casa cantar, aí fica segurando o folião, então o padre não quer isso, porque não se situa as pessoas e até as pessoas estão cansadas, querem voltar pra suas casas, pra suas famílias, né, já ficaram 40 dias fora. Então isso aí é uma coisa que tem que ser realmente a Igreja que tem que tomar a frente disso e tentar conscientizar as pessoas, que senão aí fica assim, eu quero que vai lá na minha casa pra fazer isso, eu tenho uma promessa.... Eu vejo a festa do Divino como a maior de mobilização e nela está inserido todo o nosso cotidiano, a nossa dança, a musicalidade, tem a questão da confecção dos produtos todos, tem principalmente o sentimento das pessoas acreditarem naquilo realmente, ter um medo, sabe, é muito forte quando você conversa com as pessoas que têm o temor ao Divino Espírito Santo, eu não faço isso por causa disso, aconteceu isso comigo, foi dado pelo Divino, foi arrematado, então é muito bacana isso, além da fé, as crendices também, então as crendices populares que vêm há muito tempo e vêm andando e estão presentes até hoje.”

8 Entrevista Vídeo em DVD de 56' - TO010007F1A2 n°42 Ourivesaria / Natividade Tocantins

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

To

01

00

07

F20

01

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO**5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A festa tem a duração de cinquenta dias e ocorre em diversos pontos da cidade de Natividade e da zona rural. Tem início no Sábado de Aleluia e em geral ocorre na Igreja da Matriz, mas este ano de 2007 iniciou na Igreja do Divino Espírito Santo, com a missa da Bênção das Bandeiras, em razão desta ser a maior igreja e da Igreja da Matriz estar em reforma. No dia seguinte, do mesmo local, partem as três folias (Gerais, De Cima, Do Outro Lado) que a partir daí giram quarenta dias pela zona rural. A chegada das folias ocorre na Praça da Matriz, chegando cada folia por um lado (a folia dos Gerais entra pela Rua Modestina, a folia De Cima entra pela Rua União e a folia Do outro Lado entra pela Rua Rafael Xavier). A partir daí os foliões ocupam o espaço no centro da praça conhecido como foliódromo, situado na Praça da Matriz em frente à Igreja Matriz ou Nossa Senhora da Natividade. A Esmola Geral acontece no Sábado de Aleluia e nela os foliões e devotos se deslocam pelas várias ruas da cidade. A praça do Rosário é onde está situada a Ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o cartão-postal da cidade. É também denominado de Largo do Rosário. O lugar enquanto um ícone da cidade é utilizado para abrigar diversas apresentações artísticas, tais como: apresentações do Grupo da Súsia, de Catira, onde também se fazem as rodas, se recita o bendito encontro das Folias do Divino etc. A festa é um momento em que o sagrado e o profano se integram harmoniosamente, se configurando também cada vez mais em um espaço de forte apelo turístico, em razão de particularidades regionais, mitos religiosos ou simplesmente a vontade de dançar, cantar e beber. Ela adquire, assim, triplice importância: por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção do povo brasileiro), como modelo de ação popular (no sentido de que ela tem sido, em muitas ocasiões, o modo de concentração e investimento de riquezas), como espetáculo, produto turístico capaz de afetar sua economia e de mobilizar as vendas de suas ourivesarias, principalmente por meio das jóias que se relacionam às festividades, como é o caso da pombinha do Divino.

A festa do Divino acrescenta também uma nova mediação entre sagrado e profano, e em Natividade, como aponta Brandão (1973)⁹, entre ordem divina e vontade humana, entre o pedido humano e a aquiescência divina. A força simbólica do milagre na festa é tão verdadeira e arraigada na cultura popular que ainda é comum que a festa seja promovida e financiada por pagadores de promessas.

Durante toda a festividade do Divino, é possível perceber a relação historicamente construída entre esta festividade e a cultura aurífera local principalmente pelo uso de jóias da ourivesaria local, muitas vezes confeccionadas especialmente para estas festividades. Assim é possível verificar na inserção dos produtores e consumidores materiais e simbólicos da prática da ourivesaria o universo de significação do culto ao Divino. O uso das jóias nessas festividades atribui sentido simbólico, econômico e religioso às peças. É possível encontrá-las em pessoas de todos os segmentos sociais, o metal que, fundido, se transformou em pombas, corações, figas, flores de maracujá e fios, fios que ornaram pescoços, braços e cinturas.

Na circulação de objetos e pessoas, neste caminho do ouro através do interior do Brasil, estão não só as forjas dos adornos ou dos objetos, mas também as da cultura que se forma ali. Mineração e devoção ao Divino Espírito Santo se amalgamam: tempo e espaço fundem-se em uma cidade que se torna vermelha nos cortejos, missas e bandeiras que se agitam.

O Divino Espírito Santo está presente em toda a cidade: nos pingentes dos colares, anéis, bandeiras, camisas, biscoitos, nas ruas e oficinas, na ruína de Nossa Senhora do Rosário e no sítio de Dona Romana. Todos: objetos e pessoas permanecem e constantemente (re)inauguram a coletividade que permanece ao pé da serra, que ainda faz correr os fios de ouro.

Na composição da identidade nativitana se evidenciam as marcas construídas no tempo, a festa atualmente entrelaça passado e presente. Assim, as formas de expressão e as representações contidas na Festa do Divino Espírito Santo informam sobre a trajetória do espaço que se forma a partir da cultura aurífera. A medalha do símbolo do divino, a pomba, está no pescoço do folião que dança a catira nas expressões denominadas Folias (de Dentro, dos Gerais e do Outro Lado). O trajeto feito pelas três folias evidencia esta relação, bem como a relação com o conceito do julgado¹⁰ de Natividade. Usualmente três são as Folias do Divino: A Folia dos Gerais que tem como trajeto: chapada de Natividade, Cangas, Santa Rosa, Silvanópolis, Ipoeiras, Morro de São João, Apinagé e os diversos pousos nas fazendas; A Folia de Cima que tem como trajeto: Bonfim, Barra, Almas e Jacopinha; A Folia do Outro Lado que tem como trajeto São Valério e Príncipe.

⁹ BRANDÃO, CARLOS R. O DIVINO, O SANTO E A SENHORA. RIO DE JANEIRO, CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO, (FUNARTE), 1973.

¹⁰ No tempo colonial as comarcas das capitanias brasileiras e, notadamente a de Goiás eram subdivididas em Julgados. A comarca de Natividade tinha algumas sub-regiões como a Chapada da Natividade áreas sob a jurisdição do Juiz Municipal do arraial e Minas da Natividade, que compreendia quase toda a região norte da capitania. E através de Carta Régia de 1809, e por Decreto Provincial, a Capitania de Goiás foi dividida em duas Comarcas: a do Norte e a do Sul. A Comarca do Norte, com correição da Comarca de São João das Duas Barras, compreendeu oito Julgados: Porto Real, Natividade, Conceição, Arraías, São Félix, Cavalcanti, flores e Traíras. A Comarca do Sul, com sede em Vila Boa, recebeu o nome de Comarca de Goiás e compôs-se de seis Julgados, sujeitos à correição da mesma Comarca: Vila boa, Crixás, Pilar, Meia Ponte, Santa Luzia e Santa Cruz.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**To 01 00 07 F20 01**

Simone¹¹ moradora da cidade se refere a esta questão:

Na época da festa do Divino as pessoas se ornamentam se vestem..usam aquelas jóias...
O significado dessa relação com as festividades é muito grande... então... vestem jóias ligadas á religiosidade, principalmente as jóias confeccionadas pelo mestre Juvenal... ele era muito ligado a religiosidade... ele era casado com uma pessoa que cuidava das coisas da igreja... então essa relação era muito próxima...
Ele confeccionou peças para a santa... ele confeccionou vários crucifixos... vários divinos... então, além das peixas...
Então, esta relação é muito próxima entre as nossas festividades e as nossas jóias... e o dia a dia das pessoas... a vida das pessoas... não é só o dia-a- dia, mas suas próprias vidas...
Você tem a jóia que você usa normalmente no dia-a- dia e a jóia que você vai a uma festividade.

A comida, a alimentação dos convidados é parte integrante da festa e merece um olhar mais detido. Distribuída de graça, ponto alto da festa, adquire uma importância simbólica significativa, tanto se estabelecermos relação com os ritos religiosos, a comunhão dos católicos, quanto no que se refere àquela sociedade, com sua hierarquia e respectivas diferenças sociais. Na festa, há fartura, alimentação à vontade para todos. Os mais ricos bancam maior parte das despesas, enquanto os mais pobres fazem coletas para conseguir oferecer a comida e cumprir sua promessa, o que gerava espaços de solidariedade. Isso fica evidente na saída e chegada da folia, no banquete do imperar, na festa do capitão do mastro. Com a presença de farta alimentação com comidas típicas e a presença dos usuais biscoitos do Divino. Essa indissociabilidade da festa com a alimentação está ligada às imagens do banquete, da abundância e do universal. Nas imagens do comer e beber, de graça, revela a tendência à abundância.

Simone¹² aponta que: “a festa do divino é a festa que mais mostra as nossas características, nós temos uma culinária muito forte... e pra mesa do Divino... o que vai pra mesa do divino? É fundamental ter as pombinhas do Divino... é um biscoito no formato de pombinha..”

D. Naninha¹³ boleira da cidade, fala a respeito dos biscoitos para as festas:

(...) é o polvilho, é a manteiga... tem leite de coco, canela, cravo e erva doce... aprendi com minha mãe... ela fazia.. mas era sem ganhar dinheiro... fazia pras amigas... pras colegas...(..)
Comecei a fazer desse jeito... sem cobrar nem nada... depois, dei pra vender né... porque não dei conta...(..) Fazia muita festa do Divino... fazia sempre... o amor perfeito, a peta... o povo reunia aqui para fazer os bolos quase todos...

Simone¹⁴ continua:

...além da questão da culinária, nós temos também essa questão do uso das jóias ... então tem peças do divino... as vezes se cria peças novas... sempre se mostrando o Divino Espírito Santo como centro... então é a época que nós nos vestimos todos do Espírito Santo... nós usamos as jóias. Se confeccionam o biscoito.. você vive aquela festa do Divino Espírito Santo ornado... então a festa do Divino, ela não só usa o Divino como pingente... mas usa toda aquelas jóias... jóias com filigrana... em detalhes... coração... crucifixo... a peixa... vem todas as características como esse ornamento... o uso do ouro traduz este sentimento de louvor a Deus... a relação é esta para celebrar o sentido maior da vida do povo. Enfim, o que vai pra mesa do Divino, as pombinhas do Divino... você vive o Divino espírito Santo ornado... Todas as características mostram como o povo se ornamenta...

Outra característica da festa é a cantoria com o canto das folias, das catiras e das rodas e a dança, principalmente da sússia, integrando os momentos de oração com o lado profano da festividade. As festas, com todos os componentes que as constituem, são mencionadas com frequência pelos memorialistas ou em depoimentos de pessoas que viveram no início do século XX, revelando que marcaram época e a memória de certos segmentos sociais. A casa do imperador e do capitão do mastro passam a ser o centro das comemorações: da novena, do erguimento do mastro, da reza, da comemoração da saída e da chegada da folia, da música, dos comes e bebes, do baile, das diversões. Constituíam-se no local significativo da festa, pois se transformava em centro de uma sociabilidade mais ampla. Momento em que os participantes reafirmavam seus laços de parentesco, amizade e vizinhança, num ambiente de confraternização. As portas se abrem e, com isso, a possibilidade de consolidar os laços de família, a afeição para com os amigos e os nexos interpessoais, além de se criar oportunidade para novos contatos sociais, ampliar o grupo de pessoas que já se conheciam.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

¹¹ Entrevista Vídeo em DVD de 56' - TO010007F1A2 nº42 Ourivesaria / Natividade Tocantins

¹² Idem

¹³ Idem

¹⁴ Idem

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

To

01

00

07

F20

01

Os marcos edificados mais importantes para a celebração são a Igreja da Matriz e o Largo da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Outro espaço significativo da festa são as ruas da cidade por onde as folias passam.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

Durante os dias de celebração a Praça da Matriz e a Praça do Rosário são enfeitadas com bandeiras de papel geralmente com imagens do Divino principalmente nas cores vermelha e branca. É montado, em estrutura de madeira, um altar defronte à ruína da Igreja, onde é realizada a missa. Mesas com adereços referentes ao Divino são decoradas e dispostas também à frente da ruína. As flores enfeitam o altar forrado com tecido branco e a Igreja é toda enfeitada em branco e vermelho.

TEMPO**5.4. PERIODICIDADE**

Durante o período da festa a data é móvel. Mas inicia-se no Sábado de Aleluia.

5.5. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒
2002		2003	2004	2005	2006	2007					
☒		☒	☒	☒	☒	☒					

6. HISTÓRIA**6.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Não se sabe ao certo sua origem, mas acredita-se que veio com o início da povoação. Nos registros da ASCCUNA é possível encontrar registros de imperadores desde 1904. Outro dado é que até 1924 teriam ocorrido cavalhadas (luta entre mouros e cristãos). Na verdade, é com a chegada do padre Joatan Bispo de Macedo que passa a haver um retorno das festividades em todo seu esplendor (a partir de 1985). O auge da festa poderia ser considerado o seu encerramento, no Domingo de Pentecostes, mas ela começa muito antes, com os preparativos e escolha das que devem ser realizadas. Os momentos principais podem ser considerados: os sorteios dos festeiros (imperador e capitão do mastro), Missa de Páscoa, a Saída e a Chegada das Folias, Tríduo do Divino, a Esmola Geral, a festa do Capitão do Mastro, Missa do Divino, a Festa do Imperador e a Transmissão da Coroa.

As festividades realizadas no Centro Bom Jesus de D. Romana também mantêm as tradições da festividade do Divino praticadas na cidade de Natividade, pois fizeram as adequações necessárias para que as festividades pudessem continuar a ser realizadas.

6.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**To****01****00****07****F20****01**

Há relatos de que até 1924 teriam ocorrido cavalhadas (representação da luta entre mouros e cristãos).

Cada Mordomo do Divino tem a confirmação de que seu nome está no sorteio ao receber um pedaço de carne fresca de gado no Domingo de Pentecostes logo ao amanhecer. Sendo imperador o devoto só pode propor o seu nome novamente após 10 anos.

Há a crença de que o estandarte da bandeira que está no alto do mastro, na porta da Matriz, movido pelo vento, aponta a direção da casa do futuro capitão do mastro. E a forma como o dia amanhece (se claro ou escuro) indica a cor da pele do futuro imperador.

Interessante o mandato do capitão do mastro e do imperador em Natividade. Eles são sorteados num ano e só vão tomar posse no ano seguinte, por um dia apenas. O imperador é coroado na manhã do Domingo de Pentecostes e nesse mesmo dia repassa os instrumentos (bandeira, manto, salva, cetro e coroa) ao imperador sorteado, à noite na cerimônia de Transmissão da Coroa. O novo imperador recebe os instrumentos e indumentárias, mas não os usa, apenas os guarda. Elas serão usadas apenas no ano posterior na cerimônia de coroação. O capitão do mastro, por sua vez, deve retirar o estandarte do Divino no alto do mastro da porta da Igreja Matriz e guardá-lo em sua casa. Mas o povo já os considera imperador e imperatriz, capitão e rainha do mastro desde o momento do sorteio.

As folias se apresentam na zona urbana, somente na casa do imperador, na praça da Matriz e nas igrejas.

Um outro detalhe interessante é a proposta de abstinência sexual dos foliões. Segundo as normas, enquanto estiverem representando os apóstolos, os foliões não devem manter relações sexuais, bem como o morador que receber o Divino em sua casa para um pouso. O mito é que se não cumprir será castigado.

Toda a comunidade se envolve na execução dos trabalhos dos festejos, e há sempre pessoas voluntárias dispostas a ajudar. O que mais se ouve é: *“estou fazendo pelo Divino”* ou *“estou ajudando o Divino”*.

6.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1900, antes de	Segundo relatos, a Festa do Divino Espírito Santo já era celebrada na localidade.
1985	Resgate das tradições e festejos do Divino pelo padre Joatan.

7. ATIVIDADE**7.1. PROGRAMAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
Escolha do festeiro, pelo Procurador da Sorte do Divino	A preparação para a festa de determinado ano se inicia no final das comemorações do ano anterior, com o sorteio dos festeiros que irão representar o capitão do mastro e o imperador. Qualquer cidadão que tiver a crença no Divino, for de boa índole e estiver disposto a assumir o compromisso de realizar a festividade pode ser candidato, posto e é chamado de Mordomo do Divino. A escolha obedece aos rituais de um sorteio solene e ocorre no final da missa Solene do Divino. Em duas taças transparentes são colocados os papéis com os nomes. Em uma delas fica o nome dos candidatos, na outra a relação do encargo. Um dos procuradores da sorte retira o nome do candidato e o outro o encargo. Ao final do sorteio repicam os sinos e há uma explosão de alegria e fogos de artifício. O fim é o começo.
Transporte da coroa do Divino da casa do antigo festeiro para o novo	Na Procissão de saída da missa solene, e durante o reinado, os familiares em um cortejo no qual os festeiros atuais e os novos festeiros sorteados seguem, dentro de um quadro de madeira, acompanhados pelo povo, seguem até o local da festa do Imperador.
Preparação da festa	Ao terminar a festa já começam a ser feitas reuniões com os diversos grupos da Igreja, a comunidade e o padre, para a organização dos festejos, e o ensaio dos cânticos do ano seguinte apontam que é grande o trabalho e mesmo ele se iniciando desde este momento é difícil de realizá-lo a contento. Diversas são as formas de colaboração e os locais nos quais ela se dá. Esses locais são a verdadeira expressão de confraternização, união e solidariedade. Durante vários dias, em diversas localidades, os voluntários se reúnem para fazer bolos.
Novena	Antes do sábado e domingo da festa propriamente dita realiza-se uma novena (nove dias consecutivos) que conta com a participação dos fiéis das localidades vizinhas. Para cada dia as leituras e o tema são de responsabilidade de membros dessas comunidades.
Início da festa no Sábado	No sábado à tarde as folias saem marchando pelas ruas até chegar à Igreja do Bonfim, onde se realiza a bênção das bandeiras. Daí se dirigem para um local onde o imperador lhes oferece um jantar. Ali cantam o bendito, a catira e a roda acontece até altas horas da noite.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		To	01	00	07	F20	01
Saída das folias, Domingo de Páscoa.	No início da tarde, por volta das 14 horas, ocorre a cerimônia de preparação para o começo das três folias que saem a cavalo em direção da zona rural. Esta festa é para o Divino Espírito Santo, e é feita uma bandeira na qual há a figura de uma pombinha que o representa. Para esta comunidade essa bandeira possui grande significado; sua cor vermelha representa o fogo do Espírito Santo e a pomba branca representa a forma como o Espírito Santo de Deus se manifestou no batismo de Jesus. Dizem os nativitanos que a missão dessa primeira etapa da folia é evangelizar os sertões de Natividade e até mesmo alguns municípios vizinhos, como também convidá-los para a grande festa do imperador que ocorrerá logo após a chegada da folia da cidade. Os alferes se despedem com um movimento ritual que são as vênias com a bandeira e, a partir daí, cada um toma sua direção.						
Quinta feira da hora – chegada das folias	Denominado encontro ou chegada das folias em que é celebrada a Ascensão do Senhor, a volta de Jesus ao Pai. Há uma grande festa em frente da Igreja da Matriz, onde as folias se encontram entrando uma de cada vez, para o círculo no centro da praça. Cada uma delas toma seu lugar dentro do círculo. No momento em que cada folia entra na praça os sinos tocam. Os festeiros e o povo presente se reúnem junto à bandeira, para que possam beijá-la, em devoção ao Espírito Santo. No centro da praça, em um espaço conhecido como foliódromo, fica disposto um tapete com três almofadas vermelhas; neste ambiente as três folias se apresentam. Depois se deslocam até a casa do imperador onde entoam o canto do imperador. Depois é servido o jantar, com cada folia fazendo sua apresentação. Canta-se o bendito, rodas e catiras.						
Tríduo do Divino Espírito Santo	Ele ocorre três dias antes do Domingo de Pentecostes. São três dias de orações com missa (quinta, sexta e sábado). Cantam-se músicas louvando o Espírito Santo inicialmente em latim. Recitam também jaculatórias, fazem orações. Há também as ladainhas de Nossa Senhora (em latim). É um dos momentos mais religiosos da festa. Um exemplo da força devocional desse momento se evidencia na oração abaixo: “Oh! Espírito Santo, Deus da luz, força e do amor, que estais presente, agindo na história e em cada um de nós. A vós eu me consagro, comprometendo-me com a verdade e a vida. Confirmai-me na confiança em vós, na abertura aos irmãos e na autenticidade em viver o evangelho de Jesus. Confiante coloco-me sob a vossa ação, com tudo o que sou e tenho. Entrego-vos a capacidade e talentos e todo o meu ser em sua fragilidade humana. Penetrai-me oh Espírito de amor e transformai-me em testemunho autêntico de Cristo. Comprometido com a construção do vosso reino e justiça, fraternidade e paz. Oh Espírito Santo, força evangelizadora e guia da Igreja, revitalizai e revigorai a fé de todo cristão, para que assim todos os homens e mulheres possam experimentar o amor do Pai e a felicidade de sermos todos irmãos em Cristo Jesus. Amém.” “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai vosso Espírito e tudo será criado. E renovarei a face da terra”, com o dom da Paz, fruto maior da justiça, expressão necessária do Amor. Amém.”						
Esmola geral	Os moradores da cidade são visitados pelo Divino no dia da Esmola Geral, que acontece no sábado antes do Domingo de Pentecostes no período da tarde. Sob o sol forte os devotos demonstram sua fé; muitos deles caminhando descalços pelas ruas da cidade. Várias bandeiras do Divino de diversos anos e pessoas se reúnem na Matriz e elas são levadas por um alferes e uma esmoleira a cada residência de devoto. Neste momento há sempre um grande número de pagadores de promessas na procissão andando descalços, carregando a bandeira, distribuindo água etc. O trajeto apresenta em geral quatro pontos de parada; na última, todas as Bandeiras se reúnem e junto com a Bandeira da Misericórdia seguem em procissão para fazer a entrega dos donativos arrecadados ao imperador. Lá se oferece um grande lanche ao final. Seu objetivo maior é levar o Divino, com todas as suas bênçãos, às residências dos devotos. A pessoa visitada recebe o mastro da Bandeira do Alferes e o leva a todos os cômodos da casa para que a proteção do Divino se espalhe por lá. Depois dá sua contribuição, em dinheiro, para a esmoleira. O devoto não é obrigado a contribuir.						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		To	01	00	07	F20	01
Festa do Capitão do Mastro	O dia da festa do Capitão do Mastro é o sábado que antecede o Domingo de Pentecostes, o mesmo dia da Esmola Geral e último dia do Tríduo do Divino. Essa festa combina o profano e o religioso. Inicia-se com o Tríduo e a Missa Solene do Capitão e da Rainha do Mastro. Terminada a missa, toda a comunidade se dirige à residência do capitão para a busca do mastro. O símbolo é um mastro de madeira todo decorado em branco e vermelho, com bandeirolas com o estandarte do Divino. O festeiro sobe nele e é carregado pelo povo até a praça da Igreja Matriz. Eles conduzem o mastro como se ele fosse um navio em mar bravo. Levantam, abaixam, inclinam, rodam, correm para frente e recuam. E o capitão tem de se manter firme sobre ele. Como abre-alas, a sússia é tocada e dançada. São distribuídos ao povo rolos de cera para serem acesos e iluminarem a procissão. Há, também, por todo o trajeto, luminárias de buriti, cascas de laranja e azeite, bem como muitos fogos de artifício. A sanfona, o triângulo e a zabumba animam o trajeto em meio aos gritos do povo. Quando chegam à Praça da Matriz o festeiro desce do mastro para dançar a sússia. Em meio a uma grande roda os tambores ganham ritmo frenético. Em meio a uma grande roda todos querem ver o capitão do mastro dançar. É a exaltação do Divino Espírito Santo. A partir daí retornam à casa do festeiro e a festa transcorre noite adentro com muita fartura e forró. É um momento em que as pessoas se reúnem e se encontram tradicionalmente todos os anos num ritual de alegria e descontração. A sússia e a catira são referências fundamentais deste momento da festividade, bem como as rodas. Hoje por insistência do padre Joatan¹⁵ o consumo do álcool é muito menor, mas ainda ocorre largamente na cidade. O mastro fica na praça da Matriz até o novo capitão ir buscá-lo. Nessa etapa da festividade, bem como na festa do imperador, podemos ver mulheres e homens ostentando orgulhosamente suas jóias tradicionais feitas principalmente pelos ourives nativitanos.						
Festa do Imperador	No Domingo de Pentecostes já ao amanhecer há muito movimento na casa do imperador, bem como grande expectativa em relação à coroação. Toda a família se enfeita e se veste a rigor e grande pompa. Aparecem anjos por toda parte (brancos, morenos, negros), surgem porta-bíblia, porta-almofada, porta-dons, rainha, princesas, o capitão do mastro, alferes das folias, da bandeira de misericórdia. O vermelho está na ordem do dia, e estouram fogos de artifício. Daí, a ocasião é solene: é o momento da coroação. Solenemente vão recebendo os instrumentos. Inicialmente a imperatriz recebe a salva (bandeira que representa a fartura), depois o imperador recebe o manto, o cetro e a coroa (simbolizando o poder do Espírito Santo). “Imperador...hoje você está sendo coroado com a coroa sagrada e histórica dos Festejos do Divino Espírito Santo. Honre-a, porque ela te honrará para sempre. E o seu nome ficará escrito nos anais da história desta Paróquia”, diz o procurador da sorte. Sob o som de fogos de artifício, organiza-se o cortejo da casa do imperador até a Igreja, que é chamado de reinado. O imperador, o capitão do mastro e familiares ficam dentro de um quadrado, feito por varas de madeira enfeitadas. Na frente segue a Bandeira da Misericórdia, em seguida as bandeiras do Divino das três folias. Seguem os anjos, os porta-dons vestidos de vermelho (eles são 7), as porta-almofada (2 adolescentes) e a porta-bíblia. Atrás do quadrado real seguem os músicos e as pessoas portando bandeirinhas do Divino. Nos cruzamentos das ruas, as bandeiras fazem vênias, celebrando a posse do Imperador do Espírito Santo. Tocam os sinos e disparam os fogos de artifício. O hino do Divino é entoado enquanto o imperador e seu cortejo entram pela porta principal da Igreja da Matriz, colocando-se junto ao altar e de frente para o povo. A igreja é toda enfeitada em vermelho e branco. O imperador e a imperatriz se sentam no trono. Então o padre celebra a missa ao som de cânticos do Divino. O povo (os devotos, portanto) vem às festividades bem vestidos e com muitas jóias artesanais em ouro e prata os adornando. As jóias foram confeccionadas pelos ourives locais, evidenciando como os fios de ouro e prata da filigrana se entrelaçam com os fios da vida dos nativitanos. As jóias em filigrana são usadas como forma de ostentação do poder econômico, mas principalmente pelo poder religioso e simbólico que as peças possuem. A grande maioria das peças tradicionais ligadas à religiosidade é verdadeiramente artística; entre elas podemos encontrar principalmente: a pomba do Divino em formato de anel, brinco, broche, pingente, crucifixos variados, peixes articulados (peixa), brincos cacho de uva, corações de filigrana, colares em conta e lantejoulas, entre outros.						

¹⁵ TO010007F1A2A nº 34A04 vide entrevista com padre Joatan Bispo de Macedo, pároco de Natividade

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					To	01	00	07	F20	01
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Festa do Imperador	No final da missa as atenções já se voltam para o sorteio dos novos festeiros. Por fim são distribuídos “pãezinhos bentos do Espírito Santo” (pequenos bolinhos feitos de farinha e água).
	O reinado, então, vai para o local onde serão distribuídos produtos confeccionados especialmente para a festa. O imperador oferece aos presentes doces variados (leite, coco, abóbora, massa de mandioca, laranja, mamão, buriti etc.), bolos (de arroz, da mãe), biscoitos (pipoca, do céu, amor-perfeito, bolacha, trovão, jatobá, ginete etc.), licores (jenipapo, caju, banana, leite, abacaxi, jabuticaba, folha de figo etc.) feitos especialmente para a ocasião. São servidas também bebidas (refrigerantes e sucos somente, pois o padre proibiu bebidas alcoólicas) e comidas (carne assada na brasa, paçoca de carne seca, cozidão etc.).
	Há sempre uma mesa posta com todos os produtos para os foliões e seus familiares que giram na folia do Divino, imperadores de anos anteriores e convidados especiais do imperador. Não pode faltar o biscoito (biscoito do céu) em formato de pombinha, a tradicional paçoca, a carne assada, ou mesmo o arroz cirigado. Para a comunidade em geral são montados barracões, para que, em fila, as pessoas possam ser melhor servidas. Em algumas festas do Divino pode acontecer também de ser distribuída carne fresca do gado que foi dado em doação pela comunidade. Enfim, é tudo distribuído gratuitamente para todos, abundantemente.
	Ao longo de toda a festividade é possível encontrar foliões e populares entoando cânticos, benditos e ao final das celebrações estes se unem em profunda alegria dançando a sússia, formando rodas e cantando as catiras. As bebidas, hoje mais regradas, também não costumam faltar.

7.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Imperador	Além de conduzir a coroa do Divino Espírito Santo até a Igreja, é um dos festeiros que promove a festa na localidade.
Alferes	Além de conduzir a bandeira do Divino Espírito Santo até a Igreja, é um dos festeiros que promove a festa na localidade.
Capitão do Mastro	Tem como função o papel de mobilizar, sensibilizar e arrecadar produtos e recursos junto a comunidade para o bom desempenho de suas funções.
Foliões	Os foliões têm a função de cantar, de transmitir a mensagem do Divino cantada. Entre esses foliões existem os violeiros, que tocam as violas. A viola é o instrumento que dá o ritmo do canto, que dá o ritmo da roda, a altura, o som que vai ser cantado, a melodia.
Procurador da Sorte do Divino	São três e eles são os responsáveis por sortear o próximo Imperador e o Próximo Capitão do Mastro.
Padre	Responsável pela celebração das missas e acompanhar todo o processo da festa.

7.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Festa, almoços, lanches e jantares
QUEM PROVÊ	Comunidade em geral e em especial: foliões, despachantes, capitão do mastro e imperador
FUNÇÃO	Promover organizar e garantir a realização da festa.

7.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	To	01	00	07	F20	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7.5. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Doces variados (leite, coco, abóbora, massa de mandioca, laranja, mamão, buriti etc.), bolos (de arroz, da mãe), biscoitos (pipoca, do céu, amor perfeito, bolacha, trovão, jatobá, ginete etc.), licores (jenipapo, caju, banana, leite, abacaxi, jabuticaba, folha de figos etc.) feitos especialmente para a ocasião. São servidas também bebidas (refrigerantes e sucos, o padre proibiu bebidas alcoólicas) e comidas (carne assada na brasa, paçoca de carne seca, cozidão etc.). Em Natividade há alguns ofícios ligados á comidas e bebidas que poderiam ser relacionados diretamente a festividade do Divino, como é o caso dos licores de diversos sabores feitos por D. Maria Helena ¹⁶ , que na festividade ganham um novo sentido em suas garrafinhas enfeitadas para a ocasião. Ou nos bolos feitos na forma de pombinha do divino, que D. Antonia, D. Nair ¹⁷ e D. Naninha ¹⁸ confeccionam para a festa e são característicos desta festividade... Mutirões se reúnem para fazer petas e biscoitos para a festividade, que nos dias da festa são servidos fartamente a toda a população.
QUEM PROVÊ	As bebidas e as comidas são oferecidas pelo Imperador e pelo Capitão do Mastro principalmente, mas grande parte dos recursos adquiridos chega por meio de doações.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Confraternização e forma de coesão social.

7.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Flores naturais e/ou de plástico; bandeirinhas do Divino; fitas coloridas; e velas.
QUEM PROVÊ	Os festeiros, a população e o dízimo da Igreja fornecem os recursos financeiros necessários para comprar tais produtos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As flores e as fitas são empregadas na decoração dos altares montados para a realização da missa e do Império. As velas são utilizadas para o pagamento de promessas feitas pelos fiéis.
DESCRIÇÃO	Coroa bandeiras, e bastão com a pomba do Divino Espírito Santo; Andor com imagem da Padroeira.
QUEM PROVÊ	Comunidade e a igreja.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Representações e ressignificações referentes ao festejo do Divino

7.7. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	FIGURINO
QUEM PROVÊ	Cada Folia tem o seu traje próprio com camisetas distribuídas pelo Alferes, pelo capitão do mastro e pelo Imperador. Cada participante é responsável pelo seu traje.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Uniformizar a folia
DESCRIÇÃO	Traje do Imperador e roupas de anjos, padres e freiras.
QUEM PROVÊ	Cada participante é responsável pelo seu traje.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Em geral, a representação dos anjos, padres e freiras é executada por crianças. Não uma forma especial para o traje do Imperador, a única regra é a utilização do vermelho em todas as partes do traje. Manto na cor vermelha utilizado por devotos durante as principais etapas da festa como o Império e a Procissão.

7.8. DANÇAS

16 Entrevista - TO010007F1A2A nº34A54

17 Entrevista - TO010007F1A2A nº34A55

18 ENTREVISTA - TO010007F1A2A nº34A27

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

To

01

00

07

F20

01

DESCRIÇÃO	Não há danças próprias. Dança-se a sússia ver TO010007F4003, a catira ver TO010007F4002, a roda TO010007F4001
QUEM EXECUTA	Pessoas da comunidade em geral e os membros dos grupos de Catira e de Sússia existentes na comunidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

7.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canções religiosas denominadas “Bendito do Divino” e cânticos para Nossa Senhora de Natividade. Por todo o tempo são entoados cânticos de Louvor.
QUEM PROVÊ	Em geral são cantadas pelo festeiro, os foliões e o público.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Canções em louvor ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora da Natividade.
DESCRIÇÃO	Canções “modernas” da Igreja Católica.
QUEM PROVÊ	Foliões.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Músicas ouvidas atualmente na maioria das celebrações realizadas pela Igreja Católica.

7.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	As caixas, os pandeiros, a sanfona, o triângulo, a zabumba, a viola.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Possui significados diversos, dependendo do momento da festividade em que são usados. Servem para louvar, para agradecer, para pedir passagem.

7.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Garis da Prefeitura	Limpeza da praça.
Membros da Paróquia e da comunidade	Assim que a festa termina já se iniciam as preparações para a festa do ano seguinte. Inicia-se a arrumação da Igreja e a preparação do altar do Divino para a festa do próximo ano na casa do festeiro recém nomeado.

8. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
Atualmente participam da festa pessoas de localidades da região como Porto Nacional, Arraias, São Valério, Chapada de Natividade Peixe, Almas, entre outros. Pela importância da ocasião a maioria dos moradores de Natividade participa intensamente do evento, não sendo raro que os filhos da cidade hoje residentes em outros estados venham a Natividade participar das comemorações. A festa atrai também turistas vindos de lugares diversos, – inclusive paulistas e estrangeiros – e autoridades regionais. Muitas vezes já ocorreu do Governador estar presente na festividade.

9. BENS ASSOCIADOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

To

01

00

07

F20

01

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Filigrana	TO010007F6002
Ourivesaria	TO010007F6001
Igreja da Matriz	TO010007F3003
Praça do Rosário	TO010007F5002
Igreja de São Benedito	TO010007F3004
Praça de São Benedito	TO010007F5002
Ferreiro	TO010007F6006
Parteira	TO010007F6005
Folias do divino	TO010007F4001
Bolos	TO010007F6007
Bordados	TO010007F6008

10. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não há

11. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**11.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

CÂNTICOS do Império e Esmola do Divino. Festa do Divino Espírito Santo.

11.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

TO010007F1A2A34A04, TO010007F1A2A 34A11, TO010007F1A2A nº34A6, TO010007F1A2A nº34A9, TO010007F1A2A nº34A12, TO010007F1A2A nº34A71, TO010007F1A2A nº34A86, TO010007F1A2A nº34A30 a, TO010007F1A2A nº34A36

11.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2 nº27 e TO010007F40A2 nº17

12. OBSERVAÇÕES**12.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Recomendável.

12.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

To

01

00

07

F20

01

Por ser um dos pontos centrais de Natividade e fazer parte do cotidiano da vida dos nativitanos a festa Divino Espírito Santo deveria ser identificada. E melhor estudada para que seu processo de registro fosse encaminhado

12.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

O Louvor ao Divino espírito Santo permeia a vida dos Nativitanos, faz parte da vida cotidiana de homens e mulheres da comunidade. Este fato pode ser confirmado por meio das bandeiras existentes nas casas, das caixas e pandeiros que fazem parte do dia-a-dia de muitos dos moradores, bem como das jóias confeccionadas principalmente pelos ourives locais, que servem de adorno à mãos, orelhas, colos e braços desses homens e mulheres das mais variadas categorias sociais. A presença desses elementos e também das camisetas com imagens do Divino, podem ser encontradas não apenas no período das festividades, mas ao longo de todo o ano. Mas no período da festa do Divino espírito Santo, a cidade se enche de suas cores e de suas representações.

13. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Ângela M. Campos, Eunice dos Santos Moura, Gisela, souza, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira l. de Melo, Tatiana Hundrel		
SUPERVISOR	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO		
REDATOR	Sandra Maria Faleiros Lima		DATA Agosto 2007/revi- sadas março 2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	UFT/FAPTO		